

A RELAÇÃO ENTRE A LITERATURA E O MEIO AMBIENTE NO CONTO “GOVERNADOS PELOS MORTOS”

AIRTON SANTOS DE SOUZA JUNIOR¹, SIMONE SOUZA LIMA².

¹Acadêmico do curso de Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa na Universidade Federal do Acre - UFAC, bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica PIBIC/CNPq, com foco na área de Linguística-Dialetologia, também participa do Programa de Educação Tutorial em Letras (PET-Letras) pela Universidade Federal do Acre, com foco na área de Literatura.

²Doutora em Letras pela USP. Pós-Doutorado em Letras pela UFMG. Mestre em Letras - Estudos Literários pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Graduada em Letras Universidade Federal do Acre. Atualmente é professora Associada III da da Universidade Federal do Acre.

RESUMO

O presente estudo tem por objetivo apresentar uma análise em torno do conto “Governados pelos mortos”, de autoria do escritor moçambicano Mia Couto. Para isso, parte-se de um enfoque embasado nos pressupostos da Literatura e Meio Ambiente, trazidos por Fantini (2007), que declara que, ao se abordarem questões relativas a espaço e a meio ambiente, a literatura faz a integração ou o desajuste entre homem e a natureza. E, ao preocupar-se com problemas relacionados à preservação e à sustentabilidade de nosso planeta, a literatura não deixa de equacionar em que medida cada um desses elementos se vê limitado ou potencializado pelo outro. Toma-se ainda enquanto fundamentação teórica, os aportes levantados por Capra (1982) em torno do pensamento sistêmico, que pode ser compreendido como uma nova maneira de abordagem, a qual entende o desenvolvimento humano sobre a perspectiva da complexidade e, para percebê-lo, a abordagem sistêmica lança seu olhar não somente para o indivíduo isoladamente, mas considera também seu contexto e as relações aí estabelecidas. Diante disso, este estudo busca explorar como se efetiva a relação entre o texto literário e o meio ambiente, a partir do contexto da narrativa Miacoutiana, a fim de identificar como o texto literário se comporta diante dessas questões de caráter ambiental.

Palavras-chave: Literatura; Meio ambiente; Pensamento sistêmico; África.

THE RELATIONSHIP BETWEEN LITERATURE AND THE ENVIRONMENT IN THE TALE "GOVERNED BY THE DEAD"

ABSTRACT

The present study aims to present an analysis around the tale ruled by the dead, authored by the Mozambican writer Mia Couto. For this, it is based on an approach based on the assumptions of Literature and Environment, brought by FANTINI (2007), which states that when addressing issues related to space and the environment, literature does the integration or the mismatch between man and the nature. And, when we are concerned with problems related to the preservation and sustainability of our planet, the literature does not fail to consider the extent to which each of these elements is limited

or enhanced by the other. The contributions made by CAPRA (1982) on systemic thinking, which can be understood as a new way of approach, which understands human development from a perspective of complexity, is also taken as a theoretical basis. The systemic approach throws its attention not only to the individual in isolation, but also considers its context and the relationships established there. Therefore, this study seeks to explore how the relationship between the literary text and the environment is effective, from the context of the Miacoutian narrative, in order to identify how the literary text behaves in relation to these environmental issues.

Keywords: Literature; Environment; Systems Thinking; África.

1 INTRODUÇÃO

Ao se abordar o texto literário, faz-se necessário que se leve em consideração diversas questões que contribuem para a compreensão da obra, dentre tais questões, situar o autor responsável pela obra é um dos fatores de extrema relevância de acordo com Proust (1988). Partindo disso, apresentaremos algumas informações biográficas acerca do escritor moçambicano Mia Couto.

Com base em Fenske (2017), Antônio Emílio Leite Couto, conhecido comumente como Mia Couto, nasceu no dia cinco de Julho de 1955 na cidade da Beira em Moçambique. Filho de uma família de emigrantes portugueses, o pai Fernando Couto, natural de Rio Tinto, foi jornalista e poeta, pertencendo a círculos intelectuais, em que se realizavam debates. Mia Couto publicou seus primeiros poemas no jornal Notícias da Beira, com 14 anos de idade. A partir disso, iniciava-se seu percurso literário dentro de uma área específica da literatura, a poesia; mas, posteriormente, viria a escrever suas obras em prosa. Em 1985, o escritor reingressou na Universidade de Eduardo Mondlane para se formar em biologia, especializando-se na área de ecologia, sendo atualmente professor da cadeira de ecologia em diversas faculdades desta universidade. É o único escritor africano membro da Academia Brasileira de Letras, eleito no ano de 1998. Atualmente, é o autor moçambicano mais traduzido e divulgado no exterior e um dos autores estrangeiros mais vendidos em Portugal. Seu romance, “Terra sonâmbula” foi considerado um dos dez melhores livros africanos do século XX. E, em 1999, recebeu o prêmio Vergílio Ferreira pelo conjunto de sua obra e, em 2007, o prêmio União Latina de Literaturas Românicas.

Após essas compiladas informações em torno da biografia do escritor, entendendo sua origem, é possível aferir que, em suas obras, o autor traz a tona um ecossistema mais próximo de suas raízes e, por ecossistema, entendemos, segundo Houaiss (2009), um sistema que inclui os seres vivos e o ambiente, com suas características físico-químicas e as interrelações entre ambos. Diante disso, pode-se falar dentro do contexto da narrativa Miacoutiana, na presença de um “ecossistema moçambicano”.

Partindo disso, este trabalho tem por finalidade esboçar uma análise acerca do conto, “Governado pelos Mortos”, embasando-se nos pressupostos da literatura e meio ambiente e do pensamento sistêmico abordado por Capra (1982). Destacando que no conto em análise constantemente evocam-se questões que evidenciam esse paralelo existente entre a Literatura e o Meio Ambiente, como podemos observar no seguinte trecho extraído do conto, “Porque gosto de conhecer os nomes das árvores, veja os pássaros: foram comidos pela paisagem” (COUTO, 2014, p, 21).

Dessa forma, através deste estudo, pretende-se explorar como se revela o nó narrativo referente à questão ambiental dentro do conto “Governado pelos Mortos”, partindo de um enfoque de cunho sistêmico, o qual considera a interatividade e a interdependência entre aquilo que é macro e suas especificidades e, dessa maneira, abordaremos as peculiaridades em torno desse ecossistema moçambicano, identificando ainda, como o texto literário se comporta diante de questões ambientais, as quais segundo Latour (1998), já viraram corriqueiras nas mídias, mas em caráter de ações práticas, ainda exista muito que fazer.

2 COMPREENDENDO O PENSAMENTO SISTÊMICO À PROPÓSITO DA NARRATIVA MIACOUTIANA

Com base no estudo, “*O Pensamento Sistêmico e o Mundo do Trabalho Pós-Fordista*” das autoras Fernanda Meireles e Silva, Fernanda Rebello e Lívia Delfim Maia (2011), podemos compreender que o Pensamento Sistêmico surgiu como um contraponto à visão do organismo como uma máquina, da relação do mundo e dos animais com o relógio, pois havia a necessidade de ir além, considerando significativa a relação entre suas partes. Por mais que fosse indispensável o conhecimento delas, era preciso a compreensão de todo processo. Segundo Capra (1982, p. 262), “A primeira diferença óbvia entre máquina e organismos é o fato de que as máquinas são construídas, ao passo que os organismos crescem”.

Portanto, suas partes não são feitas em uma linha de montagem. Diante disso, é preciso, então, uma nova forma de enxergar a realidade. Não encontramos mais respostas satisfatórias ao nosso embasamento considerando tão somente o conceito de um mundo mecânico, estudando isoladamente as peças, mas sim, levando em conta a interatividade e a interdependência entre elas, entre os organismos e os meios, tendo em vista que, em consonância com Capra (1982, p. 260), “a concepção sistêmica vê o mundo em termos de relações e de integração. Os sistemas são totalidades integradas, cujas propriedades não podem ser reduzidas às de unidades menores”.

O modelo sistêmico está mais interessado em juntar as coisas do que em segregá-las, procurando entender que o todo é diferente de cada uma de suas partes. Capra (1982, p. 263) também destaca que “um organismo vivo é um sistema auto-organizador, o que significa que sua ordem, em estrutura e função, não é imposta pelo meio ambiente, mas estabelecida pelo próprio sistema”. Ele estabelece uma visão dos seres que interagem e se modificam, evoluindo, estando em constante mudança resultante da relação com outros seres. Numa máquina, por exemplo, se alguma peça estiver com defeito, ela para de funcionar, fica inoperante, ao contrário dos organismos vivos, que permanecem em contínuo processo de renovação, mantendo-se operante.

O Pensamento Sistêmico abre essa visão de um mundo em que as coisas estão entrelaçadas, da dependência entre essas partes para compor um sistema maior. Essa visão do mundo como máquina, a forma de analisar as coisas isoladamente, nada mais é do que o Pensamento Analítico, que vai de encontro ao Pensamento Sistêmico. Para melhor compreender a diferença entre esses dois pensamentos, torna-se oportuno apresentar na íntegra o exemplo explanado por Meireles e Silva, Rebello e Maia.

Baseado no filme “O ponto de mutação”, se pararmos para caracterizar uma árvore, por exemplo, no pensamento analítico, iríamos analisá-la isoladamente, dizer sobre suas folhas e em alguns casos seus frutos, e, a partir

daí, diríamos sua importância. Hoje em dia esta é uma forma ultrapassada de se analisar. A partir do pensamento sistêmico, entender-se-ia a árvore como parte de um sistema maior, não a restringiríamos somente pelas suas folhas, mas pela importância que ela tem em relação às espécies que delas necessitam, a relação dela com a terra, com a água, com o ar, as raízes que penetram a terra à procura de água, os animais que necessitam disso, e que se uma parte não funcionar bem, a árvore morrerá, ou seja, há uma relação de interdependência entre as partes, onde nada sobrevive sozinho (MEIRELES e SILVA, REBELLO, MAIA, 2011, p. 35).

Partindo desta perspectiva, entendemos o pensamento sistêmico em sua gênese como um contraponto como colocam as autoras, a uma visão de organismo inerte e maquinário. Um contraponto a um conhecimento de caráter mecanicista interessado num estudo isolado e “fragmentário”. Diante disso, o pensamento sistêmico considera a interatividade e a interdependência entre o todo e suas partes, entre os organismos e os meios.

A partir de agora, apresentaremos abaixo um trecho do conto “Governado pelos Mortos”, objeto desta análise, em que continuamente é possível se verificar ao longo da narrativa, elementos que evidenciam essa proximidade entre a literatura e o meio ambiente, entendidos aqui não de forma separada e isolada, mas com base em Capra (1982), como um todo interativo.

(“fala com um descamponês”)

- Estamos aqui sentados debaixo da árvore sagrada da sua família. Pode-me dizer qual o nome dessa árvore?
- Porquê?
- Porque gosto de conhecer os nomes das árvores.
- O senhor devia saber era o nome que a árvore lhe dá a si.
- Depois de tanta guerra: como vos sobreviveu a esperança?
- Mastigámo-la. Foi da fome. Veja os pássaros: foram comidos pela paisagem.
- E o que aconteceu com as casas?
- As casas foram fumadas pela terra. Falta de tabaco, falta de suruma. Agora só me entristonho de lembrança prematura. A memória do cajueiro me faz crescer cheiros nos olhos.
- Como interpreta tanta sofrência?
- Maldição. Muita e muito má maldição. Faltava só a cobra ser canhota.
- E porquê?
- Não aceitamos a mandança dos mortos. Mas são eles que nos governam.
- E eles se zangaram?
- Os mortos perderam acesso a Deus. Porque eles mesmos se tornaram deuses. E têm medo de admitir isso. Querem voltar a ser vivos. Só para poderem pedir a alguém.
- E estes campos, tradicionalmente vossos, foram-vos retirados?
- Foram. Nós só ficámos com o descampado.
- E agora?
- Agora somos descamponeses.
- E bichos, ainda há aqui bichos?
- Agora, aqui só há inorganismos. Só mais lá, no mato, é que ainda abundam.
- Nós ainda ontem vimos flamingos...
- Esses se inflamam no crepúsculo: são os inflamingos.
- E outras aves da região. Pode falar delas?

- Antes de haver deserto, a avestruz pousava em árvore, voava de galho em flor. Se chamava de arvorestruz. Agora, há nomes que eu acho que estão desencostados...
- Por exemplo?
- Caso do beija-flor. É um nome que deveria ser consertado. A flor é que levaria o título de beija-pássaros.
- Mas outros animais não há?
- A bichagem vai acabando. O mabeco, dito o cão-selvagem, vai sofrendo as humanas selvajarias. Antes de acabar a lição ele já terá aprendido a não existir.
- Parece desiludido com os homens.
- O vaticínio da toupeira é que tem razão: um dia, os restantes bichos lhe farão companhia em suas subterraneidades. Eu acredito é na sabedoria do que não existe. Afinal, nem tudo que luz é besouro. É o caso do pirilampo. Pirilampo morre? Ou funde? Suas réstias mortais aumentam o escuro.
- Tanta certeza na bicharada...
- Você não olhou bem esse mundo de cá. Já viu pássaro canhoto? Camaleão vesgo? Papagaio gago?
- Acredita em ensinamento de bichos?
- Todo o caranguejo é um engenheiro de buracos. Ele sabe tudo de nada. Há outros, demais. O mais idoso é o escaravelhinho. Mas, de todos, quem anda sempre de janela é o cágado.
- Você não sofre de um certo isolamento?
- Sou homem abastecido de solidões. Uns me chamam de bicho-do-mato. Em vez de me diminuir eu me incho com tal distinção. Como antedisse: a gente aprende do bicho a não desperdiçar. Como a vespa que do cuspe faz a casa.
- Mas a sua mulher não lhe faz companhia?
- Ela é minha patrã. De vez em quando a gente dedilha uma conversa. É uma companhia, faz conta uma estação das chuvas. Mas a tradição nos manda: com mulher a gente não pode intimidar. Caso senão acabamos enfeitados.
- Uma última mensagem.
- Não sei. Feliz é a vaca que não pressente que um dia vai ser sapato. Mais feliz é ainda o sapato que trabalha deitado na terra. Tão rasteiro que nem dá conta quando morre (COUTO, 2014, p. 21, 22).

Ao longo da narrativa, são vários os aspectos que remetem ao contato entre a literatura com o meio ambiente, através do diálogo entre dois personagens (emissor e receptor), podemos verificar as amarras que vão sendo construídas ao longo do texto, fazendo menção ao meio ambiente. É possível constatar isso no segmento seguinte:

- O senhor devia saber era o nome que a árvore lhe dá a si.
- Depois de tanta guerra: como vos sobreviveu a esperança?
- Mastigámo-la. Foi da fome. Veja os pássaros: foram comidos pela paisagem (COUTO, 2014, p. 21).

3 ANÁLISE DO CONTO

O primeiro aspecto que podemos observar na superfície do conto diz respeito a forma como está organizado, num formato de entrevista, em que um locutor é responsável por fazer as perguntas enquanto ao outro cabe dar as respostas. Tanto nesse gênero textual agora pouco citado (entrevista) quanto no conto em estudo, observamos um predomínio do discurso direto. Algumas marcas presentes nos enunciados nos fazem inferir que o entrevistador poderia também perfeitamente ser um biólogo. Observemos o seguinte trecho extraído do conto.

- Estamos aqui sentados debaixo da árvore sagrada da sua família. Pode-me dizer qual o nome dessa árvore?
- Por quê?
- Porque gosto de conhecer os nomes das árvores (COUTO, 2014, p, 21).

A partir da resposta do entrevistador “porque gosto de conhecer o nome das árvores”, (COUTO, 2014, p, 21), vemos que é perfeitamente cabível que esse entrevistador seja um biólogo que fora observar o que aconteceu naquele ambiente.

Ultrapassando agora aspectos que fogem a superfície do texto, busquemos por explorar alguns enunciados que vão ao encontro da proposta deste trabalho. Uma das coisas que mais chama atenção, embora não tenha tanto enfoque na superfície do texto, é a presença do seguinte segmento: “fala com um descamponês”. Ao observar este enunciado, poderíamos nos questionar o que vem a ser este descamponês? O que ele representa dentro do conto? Como bem sabemos, os camponeses foram/são aqueles indivíduos que se dedicam às atividades rurais, notadamente à produção em base familiar, muitas vezes em economia de subsistência, com autonomia total ou parcial na gestão da propriedade, sendo geralmente proprietários dos instrumentos de trabalho e detentores (em parte ou na totalidade) dos frutos do seu trabalho. Mas, o que seria um descamponês? Alguém que deixou de ser camponês? Observemos a estrutura morfológica da palavra Camponês:

Camp/o/nês= Temos um radical (camp) Vogal temática (o) e uma Desinência (nês).

Vejam agora a estrutura morfológica da palavra Descamponês:

Des/camp/o/nês= Temos o Prefixo (Des). O radical (camp) Vogal temática (o) Desinência (nês).

Diferentemente da palavra camponês, em descamponês observamos a presença do prefixo /Des/. Ao longo da narrativa, nós vamos percebendo que toda a devastação sofrida por aquele ambiente, foi ocorrendo de forma progressiva, bem no início mesmo e, para marcar esse início, o autor faz uso da implantação de prefixos em palavras como “*Descampones, Descampado, inorganismos*”. Diante disso, podemos ir percebendo a posição de denúncia que o texto literário vai assumindo ao longo da narrativa perante a devastação ambiental.

É possível aferir que o ambiente do qual o entrevistado se refere é um ambiente que foi diacronicamente devastado. Vejam alguns enunciados que confirmem isso.

- Depois de tanta guerra: como vos sobreviveu a esperança?
 - Mastigámo-la. Foi da fome. Veja os pássaros: foram comidos pela paisagem.
 - E o que aconteceu com as casas?
 - As casas foram fumadas pela terra. Falta de tabaco, falta de suruma. Agora só me entristonho de lembrança prematura. A memória do cajueiro me faz crescer cheiros nos olhos.
 - Como interpreta tanta sofrência?
 - Maldição. Muita e muito má maldição. Faltava só a cobra ser canhota. (COUTO, 2014, p, 21).
- A partir desses enunciados, fica claro que se trata de um ambiente que fora agressivamente devastado pela ação humana, levando em consideração que a guerra é um produto infeliz da cultura humana. É interessante ressaltar o seguinte trecho:
- Como interpreta tanta sofrência?
 - Maldição. Muita e muito má maldição. Faltava só à cobra ser canhota (COUTO, 2014, p, 21).

Aqui vemos que, na concepção do entrevistado, o motivo que desencadeou todos os eventos negativos naquele ambiente não fora a ação humana em si, mas sim uma maldição. Observa-se que essa característica de interpretar alguns eventos como sendo frutos de uma maldição é bem presente na cultura camponesa diga-se assim, vendo as coisas de um ângulo mais subjetivo, pois, dentro do contexto do conto, é como se os mortos os estivessem punindo. Então, observamos que a maldição é fruto da desobediência aos mortos. Todavia, a partir daqui, nasce um estreito paradigma, não seria a desobediência a Deus que gera a maldição? Segundo os preceitos bíblicos, Adão e Eva comeram do fruto proibido desobedecendo à ordenança de Deus para que não comessem e foram amaldiçoados e expulsos do Jardim do Éden. Portanto, poderiam os mortos amaldiçoar não sendo Deus? Vejamos o seguinte trecho:

- E porquê?
- Não aceitamos a mandança dos mortos. Mas são eles que nos governam.
- E eles se zangaram?
- Os mortos perderam acesso a Deus. Porque eles mesmos se tornaram deuses. E têm medo de admitir isso. Querem voltar a ser vivos. Só para poderem pedir a alguém (COUTO, 2014, p, 21).

Neste trecho, temos a resposta ao paradigma encontrado, os mortos tornaram-se deuses. O conto carrega consigo uma forte crítica à degradação ambiental, revelando, com isso, a postura denunciativa do texto literário diante desse assunto. Tomemos o seguinte trecho:

- Mas outros animais não há?
- A bichagem vai acabando. O mabeco, dito o cão-selvagem, vai sofrendo as humanas selvajarias. Antes de acabar a lição, ele já terá aprendido a não existir (COUTO, 2014, p, 22).

Vemos aqui que os valores de selvageria se invertem, não são mais os animais que apresentam essa característica abrupta de selvageria, mas as ações humanas estão muito mais próximas do selvagem do que os próprios animais. Nesse trecho, o autor traz à tona a problemática da extinção de alguns animais, retratando que a devastação não ocorre apenas em nível da flora, isoladamente, mas também da fauna, prejudicando assim um todo, que se configura numa visão macro de ambiente partindo do pensamento sistêmico, revelando uma problemática que nada mais é do que um infeliz fruto da ação humana. Portanto, o que podemos perceber no conto “Governado pelos Mortos” é a presença de uma forte crítica à degradação ambiental, presença esta que se confirma até mesmo pela forma como o conto está organizado (gênero textual entrevista), gênero este que, dentre suas múltiplas finalidades, também serve como veículo de denúncia.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Através da análise do conto, pudemos perceber a existência de uma efetiva relação entre a Literatura e o Meio Ambiente, partindo dos postulados de Capra (1982), entendemos que a Natureza não deve ser compreendida como um objeto imóvel e passível, ao contrário, deve ser vista como um organismo vivo e dinâmico.

É inegável que, no século XXI, muito se tem falado nos diversos meios comunicativos acerca do meio ambiente e da relevância de sua preservação, todavia é interessante tomarmos o pensamento de Latour (1998), que destaca que a questão ambiental comumente vem sendo ignorada por políticas de estados nacionais que, ávidos por fontes de energia e de riquezas naturais na competição por desenvolvimento econômico e industrial, instrumentalizam o conhecimento científico para atingir suas metas.

Em consonância com isso, compreendemos que é através dessa relação que o texto Literário faz com o Meio Ambiente, que ele assume um papel que ultrapassa o valor estético, funcionando também como meio de denuncia a favor do Meio Ambiente, com relação às degradações humanas.

5 REFERÊNCIAS

CAPRA, Fritjof. **O ponto de mutação**. São Paulo: Cultrix, 1982.

COUTO, Mia. **Contos do nascer da Terra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

FANTINI, Marli. **Meio Ambiente e Literatura**. Aletria: Revista de estudos de literatura. V. 15 P. 188- 203 Jan/Jun 2007.

FENSKE, Elfi Kurten. **Mia Couto Biografia, bibliografia e premiações**. Disponível em: “<<http://www.miacouto.org/biografia-bibliografia-e-premiacoes/>>” Acessado em 03 abr 2017.

HOUAISS, Antonio. **Dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva 2009.

LATOUR, B.; SCHWARTZ, C.; CHARVOLIN, F. **Crises dos meios ambientes: desafios às ciências humanas**. In: ARAÚJO, H. R. *Tecnociência e cultura: ensaios sobre o tempo presente*. São Paulo: Estação Liberdade, 1998.

MEIRELES E SILVA, Fernanda. REBELLO, Fernanda. DELFIM MAIA, Livia. **O Pensamento Sistêmico e o Mundo do Trabalho Pós-Fordista**. Mosaico- Revista multidisciplinar de humanidades. Vassouras, v. 2, n. 1, p. 33-42, jan./jun., 2011.

PROUST, Marcel. Tradução de Haroldo Ramanzini. **Contre Sainte-Beuve: Notas sobre crítica e Literatura**. São Paulo: Iluminuras, 1988.